



Título: MARCHA, MEMÓRIA E FUTURO: A MARCHA COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS DE PELOTAS/RS ¹

Autora: ELISÂNGELA DOS SANTOS BANDEIRA – UFPel (Universidade Federal de Pelotas/RS)

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres negras. Marcha. Movimento.

RESUMO

A cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, abriga o movimento de mulheres negras, sendo uma expressão local de processos históricos mais amplos de organização política, produção de saberes e resistência ao racismo e ao sexismo no Brasil. O artigo focaliza as múltiplas organizações das quais essas mulheres participam, suas formas de autopercepção nos processos de mobilização e os valores e visões de mundo que orientam seu ativismo. Busca-se compreender as lógicas e dinâmicas organizacionais construídas a partir de trajetórias de vida e vínculos de pertencimento, bem como as rupturas que essas mulheres produzem em relação às representações históricas que as posicionam de modo estereotipado no imaginário social brasileiro.

O trabalho dialoga com a consolidação do feminismo negro no país, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980, quando mulheres negras passaram a denunciar simultaneamente o racismo presente em setores do feminismo hegemônico e o sexismo

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

no interior do movimento negro. A reflexão teórica é atravessada por contribuições de autoras como Lélia Gonzalez, que questionou o mito da democracia racial, propôs a noção de amefricanidade e criticou os papéis sociais historicamente impostos às mulheres negras, dentre outras autoras. Essas imagens, ainda operantes, são analisadas como parte de uma estrutura simbólica que legitima violências e expectativas de super-resiliência sobre seus corpos e trajetórias.

Metodologicamente, a pesquisa apoia-se na etnografia das vivências, redes e práticas organizativas dessas mulheres, com atenção especial à sua participação na organização e mobilização para a Marcha Nacional das Mulheres Negras de 2025, evidenciando a centralidade do ato de marchar como prática política e pedagógica de visibilização, denúncia e construção de agendas coletivas. A abordagem antropológica permite compreender as mulheres negras pelotenses como sujeitas inseridas em redes locais, nacionais e internacionais de ativismo, cuja atuação articula militância, produção intelectual e organização comunitária. Se reconhece a centralidade dessas mulheres na formulação de projetos sociopolíticos transformadores e na incidência sobre políticas públicas voltadas à equidade racial e de gênero, contribuindo para a construção de uma sociedade mais plural, democrática e antirracista.

INTRODUÇÃO

A pesquisa mencionada subsidia minha tese de doutorado que tem por tema o movimento de mulheres negras no contexto da cidade de Pelotas, já que a cidade abriga uma comunidade diversificada de mulheres negras que desempenham papéis variados na sociedade. A tese engloba as múltiplas organizações em que se encontram engajadas, como se autopercebem em seus processos de mobilização, os valores e perspectivas de mundo que motivam seu ativismo político, dessa maneira esta pesquisa buscará compreender: quais as lógicas e dinâmicas organizacionais das mulheres negras pelotenses, a partir dos vínculos de pertencimento que construíram nas suas trajetórias de vida? Que rupturas essa mulheres em movimento operam com a forma como são historicamente representadas pelo imaginário brasileiro? Quais valores e visões de mundo informam suas pautas políticas e o que revelam sobre projetos sociopolíticos?

O ativismo das mulheres negras produziu importantes aportes para a sociedade brasileira, durante a segunda metade do século XX, especialmente nos anos 1970 com a Segunda onda do feminismo no Brasil e 1980 com a inserção da pauta feminina no Estado. Denunciando tanto o racismo presente nos movimentos feministas brancos que não levavam em consideração as pautas raciais, quanto o sexismo no interior do movimento negro que algumas vezes o reproduzia, o feminismo negro brasileiro (DAMASCO, 2012), se consolidou enquanto movimento articulado, portanto, houve uma crescente de mulheres negras brasileiras, reivindicando pautas e se organizando para pleitear tais reconhecimentos, (RIBEIRO, 1995).

Um marco fundamental dessa mobilização consolidada foi a realização, em 1988, do I Encontro Nacional de Mulheres Negras, com uma articulação nacional que abarcou as cinco regiões do Brasil, sendo preparado por meios de oficinas feitas por e para mulheres negras, ocorreram vários encontros nos quais eram feitas reflexões e estudos da temática (Silva, 2014), cuja segunda edição se repetiu em 2018, na cidade de Goiânia, em Goiás e nomeado: II Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos, novamente um encontro de mulheres negras brasileiras contra as consequências do racismo estrutural, das desigualdades nas relações de gênero e dos (des)encontros/(re)encontros intergeracionais (Santos, 2019). Com o passar do tempo, o movimento passou a se organizar em rede e optou pela realização de Marchas como uma forma de promover sua visibilidade no espaço público.

O feminismo negro no Brasil surgiu nesse contexto social, como um campo de luta e de um movimento que articula raça, gênero e classe para problematizar as múltiplas dimensões da desigualdade. Gonzalez através das suas escrivência já apresentava para o movimento negro e para sociedade brasileira, a necessidade de enfrentar o mito da democracia racial e de pensar um feminismo latino-americano, inserindo a categoria de amefricanidade como uma libertação das limitações territoriais, linguístico e ideológico (GONZALEZ, 2020), assim como questionava o papel que a sociedade relegava as mulheres negras, de ser apenas a mulata no período carnavalesco, doméstica ou mãe preta que presta serviços a família dos outros, pensamentos esses que caracterizam a neurose cultural brasileira e que violenta os corpos das mulheres negras (GONZALEZ, 2020), ou que a visualizam como a super guerreira capaz de enfrentar as realidades violentas vividas (RIBEIRO, 2018).

A etnografia abordada nessa pesquisa observa as vivências, o contexto social de inserção dessas mulheres e a sua organização para estarem presentes na Marcha Nacional

de mulheres negras de 2025, destaca-se que a realização de mobilizações como o ato de marchar não é algo novo, já tivemos outras significativas marchas relacionadas à luta antirracista no Brasil: a Contestação à abolição da escravidão no ano de 1988; a Marcha Tricentenário da Morte de Zumbi: Contra o Racismo, pela Igualdade e a Vida em 1995; a Marcha Zumbi +10: II Marcha Contra o Racismo de 2005 e a dez anos atrás a realização da primeira Marcha Nacional das mulheres negras, no qual ficou destacado que as mulheres negras não aceitam o lugar de subalternidade e da subserviência que a sociedade lhes reserva (FIGUEIREDO, 2019).

A abordagem antropológica fornecerá uma compreensão mais profunda das mulheres pelotenses, que estão inseridas em uma trajetória histórica mais ampla de resistência e luta contra o racismo e o sexismo no Brasil, reafirmando a centralidade das mulheres negras na formulação de projetos sociopolíticos transformadores, tendo em vista que na atualidade, o movimento de mulheres negras segue articulando-se em redes locais, estaduais, nacionais e até mesmo internacionais, consolidando-se como um dos principais atores na formulação de políticas públicas voltadas à equidade racial e de gênero. A atuação dessas mulheres, que une militância, produção intelectual e organização comunitária, tem garantido maior visibilidade às suas pautas e fortalecido a luta por uma sociedade plural, democrática e antirracista.

CAPÍTULO 1: METODOLOGIA

Será utilizada como metodologia de pesquisa a etnografia, que conforme destaca Peirano (2014) o(a) pesquisador(a) estabelece uma convivência com o grupo estudado, acompanha seu cotidiano, portanto, será uma forma de pesquisar sobre as mulheres negras estando inserida junto delas para compreender o movimento social a partir da observação participante de seus modos de vida, práticas de organização, valores e pautas. Nesse novo olhar etnográfico as mulheres negras terão suas falas e histórias reconhecidas (Tortul, 2020).

Hoje se vive em um mundo puxado constantemente por dois polos opostos: de um lado, as forças da globalização que nos conectam e padronizam; de outro, a busca incessante de grupos e indivíduos por sua identidade, independência e particularidade. Diante desse cenário, a forma tradicional de fazer etnografia é insuficiente, exigindo uma profunda reavaliação de seus métodos e conceitos, a etnografia precisa abandonar a perspectiva que se baseia unicamente na experiência vivida em nível local. As identidades

locais se formam a partir de uma interação constante com a ordem global sendo multilocalizada e dispersa, formando-se através de diásporas, migrações e redes que o(a) etnógrafo(a) precisa seguir (Marcus, 1991).

Estão sendo utilizadas fontes bibliográficas sobre movimento de mulheres negras, movimento negro, relações raciais no Brasil e feminismo negro; análise de documentos, registros fotográficos e publicações da imprensa. Como técnica de pesquisa serão utilizadas entrevistas semiestruturadas, para compreender trajetórias e engajamentos, mantendo o cuidado ético para saber se as mulheres negras concordarão ou não, com uso de gravador, celular ou bloco de notas. E observação participante nos fóruns de construção, ou outras tomadas de decisões e mobilização política, atuando em diversas instâncias de protagonismo feminino negro, sejam eles em organizações de mulheres, ONGS, ou de maneira individual, nos mais variados âmbitos.

CAPÍTULO 2: DA MARGEM AO CENTRO DA LUTA: O ATO DE MARCHAR EM PELOTAS/RS

Na cidade de Pelotas, localizada no sul do Rio Grande do Sul, os movimentos adquirem relevância singular em razão da presença histórica da população negra, fortemente marcada pela herança da escravidão, pela resistência cultural e pela mobilização e protagonismo, no transcorrer da história em espaços associativos e acadêmicos, resultando, no presente momento, em um movimento robusto e multifacetado, com a presença de uma Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres (SPM), a qual é comandada por uma mulher negra, assim como uma Secretaria Municipal de Igualdade Racial (Smir) atuantes nas pautas de mulheres negras, clubes sociais negros ainda em funcionamento como o Clube “Ficahí para ir dizendo” e “Clube cultural chove e não molha”, dentre outras iniciativas de mobilização social.

Figueiredo, demonstra como foi a preparação para a realização da Marcha das Mulheres negras de 2015, diversas ações coletivas preparatórias para conseguir custear as despesas, transportes alugados, acampamentos improvisados, um esforço de várias mulheres que nunca tinham participado de reuniões de feminismo hegemônico, demonstrou a pluralidade das mulheres negras, orgulhosas de estarem participando desse momento, cerca de 50 mil mulheres marcharam (Figueiredo, 2019). Algumas mulheres

negras pelotenses estiveram presentes nessa primeira Marcha nacional e hoje desempenham um papel primordial na luta contra o racismo e sexismo.

Os estudos sobre a organização e protagonismo de mulheres negras na cidade de Pelotas são ainda incipientes. Ainda assim, Ediane Oliveira nos apresenta as práticas de resistência e saberes de algumas mulheres negras, proporcionando as trajetórias de personagens significativas como: Sirley Amaro, Ernestina Pereira e Maria Baptista, cujas vidas entrelaçam a cultura griô, o ativismo sindical e a preservação do tambor de sopapo, relato de trajetórias individuais, mas que por meio de mobilização política, social e artística, combateram o racismo estrutural e a questão da invisibilização histórica (Oliveira, 2021). Em 2019, o movimento negro de Pelotas organizou a Marcha da Consciência Negra em homenagem a Mestra Sirley Amaro, um feito histórico e simbólico, com um reconhecimento ainda em vida do seu legado, nas ruas pelotenses marcadas pela histórica de escravização, houve celebração de uma mulher negra, ato que se repete a cada ano. Participei da Marcha Sirley Amaro no ano de 2025, e presenciei a união de diversos setores do ativismo negro local, vi afirmações de vidas se transformar em resistências.

Pelotas apresenta um passado de protagonismo de mulheres negras que deve ser lembrado e valorizado, por exemplo temos até os dias atuais o Instituto São Benedito, um local fundado por Luciana Lealdina de Araújo, uma mulher negra, filha de mãe escrava e dotada de grande sensibilidade para com os pobres, que acolhia meninas órfãs negras e desamparadas em uma casa que recebeu o nome de Asilo de Órfãos São Benedito, no ano de 1901. Tive a oportunidade de iniciar minha educação escolar nessa instituição, na época em que era dirigida por freiras da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, minha mãe uma mulher negra teve onde deixar sua filha para poder ir trabalhar, escola essa que foi encabeçada por outra mulher negra, transformando o meu futuro até chegar agora no doutorado e abordar a temática do papel da mulher negra, desfrutei da instituição implementada pela trajetória individual da Luciana de Araújo, e que transformou o coletivo pelotense.

Atualmente em Pelotas no ano de 2025, tivemos a criação e mobilização do grupo intitulado G.I.M. (grupo impulsionador para a Marcha das mulheres Negras), tal coletivo juntou mulheres negras em uma movimentação para ir representar a cidade em Brasília na Marcha nacional, mas também promoveu debates de cunho social e local, enviando propostas em âmbito nacional, o grupo apoiou a Marcha Sirley Amaro, e no Julho das Pretas realizou uma marcha local para o combate ao racismo, feminicídio e sexismo,

sementes que estão sendo plantadas agora, para gerar a transformação social que queremos para o futuro. Tivemos no mesmo ano, no mês Julho das Pretas, a iniciativa da Secretaria de Igualdade Racial em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, a elaboração de um painel de “Mulheres Negras da história de Pelotas” que homenageou e promoveu a visibilidade de personalidades falecidas que deixaram um legado nas áreas da cultura, educação, saúde e espiritualidade, demonstrando o respeito pelos legados das mulheres negras do passado e inspirando as novas gerações.

A interseccionalidade apresentada por Crenshaw (1989) é um conceito que tenta compreender as consequências das estruturas de interação entre dois ou mais eixos da subordinação, ou seja, da forma que o a opressão de classe, raça e gênero criam desigualdades para mulheres, limitando sua posição social e gerando desempoderamento. A principal analogia usada por Crenshaw faz uma comparação da interseccionalidade com o cruzamento de ruas, que a estrutura de discriminação estão atravessando esse caminho, com a presença do racismo, do sexismo, do patriarcado (Crenshaw, 1989). Na condição de uma mulher negra pesquisadora eu estou nessa intersecção, participar da segunda Marcha Nacional das Mulheres Negras como pesquisadora, demonstrou a importância da construção da coletividade à transformação social; realizar um estudos em uma perspectiva afrodiaspórica, focados na busca por compreensão de como raça se instituiu como uma categoria fundante da modernidade desde o período colonial, será transformador para meu desenvolvimento como pesquisadora, assim como terá impacto na produção da tese.

CAPÍTULO 3: PASSOS QUE ECOAM: RESULTADOS E DISCUSSÃO ATÉ O MOMENTO

O trabalho de campo teve início em janeiro de 2025, a partir da realização dos encontros estaduais no Rio Grande do Sul voltados à organização da Marcha Nacional das Mulheres Negras. Nesse contexto, participei da reunião realizada em Porto Alegre e, desde então, passei a integrar o principal grupo de mulheres negras da cidade de Pelotas, que vem articulando sua presença na referida marcha. Entre as atividades promovidas pelo coletivo, destacam-se a Marcha Municipal de Pelotas, realizada em julho de 2025, e a Conferência Municipal Livre das Mulheres de Pelotas, ambas configurando espaços estratégicos de mobilização e incidência política.

Com isso me tornei integrada e participante da maior parte dos eventos voltados a comunidade negra, frequentando as reuniões do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher que é aberto ao público em geral, estive presente no evento de entrega da Medalha Negra Rosa, no qual quase 100 (cem) mulheres negras da região tiveram o reconhecimento da sua atuação e mobilização.

Um evento proporcionado pela secretaria de Igualdade Racial do Município de Pelotas com debates de empreendedoras negras, gerou um grupo de apoio e autocuidado entre mulheres negras o qual faço parte. Fiz parte do Projeto Saúde da Mulher Integrada: Educação Corpo e Mente coordenado pelo grupo feminista GAMP e o centro de ação social Odara, no qual me conectei com suas narrativas e participando de suas ações e de seus espaços de convivência.

O percurso etnográfico está incluindo interações e trocas de experiências com mulheres negras da região Sul do país, cuja atuação evidencia a centralidade do protagonismo feminino negro nos processos de resistência. Além disso, vêm sendo conduzidas entrevistas que possibilitam compreender de maneira mais aprofundada as múltiplas dimensões da luta das mulheres negras e a atuação em diversos contextos políticos e sociais. Com a criação de conexão com as interlocutoras, existe o interesse no decorrer da pesquisa de integrar essas vozes com a Universidade, gerando um espaço de acolhimento e oportunidade de troca de conhecimentos.

CONCLUSÃO

A convivência com as interlocutoras tem revelado, até o presente momento o quanto o colonialismo e a tentativa de apagamento do conhecimento negro contribuiu para o que vivemos hoje (RIBEIRO, 2019), mas suas articulações abordam grandes dimensões, memórias e práticas de resistência, bem como a produção de saberes decorrentes dessas experiências que tem sido enriquecedoras.

As estratégias adotada pelo movimento negro mudou conforme o tempo passou (FIGUEIREDO, 2018), as mulheres negras reafirmam sua centralidade na construção de uma sociedade plural, incluindo questões LGBTQIAPN+, e principalmente com o foco na questão do letramento antirracista à todas as pessoas. Nesse contexto, as mulheres negras pelotenses inserem-se de maneira significativa na representação do coletivo, por meio de seu ativismo político, da autogestão e das práticas coletivas de Cuidado. Tais

iniciativas ultrapassam o âmbito dos debates discursivos, uma vez que as organizações locais vêm logrando êxito em inserir suas demandas em eixos políticos centrais, mobilizando a cobrança por soluções efetivas e, simultaneamente, conferindo maior visibilidade às questões raciais e de gênero.

REFERÊNCIAS

- CRENSHAW, Kimberle, A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, p. 171-188. Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf> Acessado em 03 de janeiro de 2026.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAMASCO, Mariana Santos. MAIO, Marcos Chor. MONTEIRO, Simone. Feminismo negro: raça, feminismo negro: raça, feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993) no Brasil (1975-1993) no Brasil (1975-1993). **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 133-151, 2012
- FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira **Revista Direito E Práxis**, v. 9, n. 2, p. 1080–1099, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.
- MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: Requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, n. 34, 1991, pp. 19.
- OLIVEIRA, Ediane. **Do fogo que em mim arde: experiências e epistemologias de mulheres negras em Pelotas/RS**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgant/files/2025/11/Dissertacao-Ediane-B.-Oliveira.-PDF-.pdf> acessado em 28 de Janeiro de 2026.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**, Editora: Companhia das Letras, 2019

RIBEIRO, Matilde. Mulheres Negras Brasileiras de Bertioga a Beijing. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 446-457, 1995.

SANTOS, Maria Luzitana Conceição dos. **II Encontro Nacional das Mulheres Negras: Um olhar da juventude negra paraibana**. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima, 2019. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-030/1042.pdf?view> Acessado em 08 de janeiro de 2026.

SILVA, Joselina da. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras na década de 1980. In: SILVA, J.; PEREIRA, A. M. (orgs.). **O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

TORTUL CESARINO, F. Interseccionalidade e mulher negra: raça, classe, gênero e religião. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 127–150, 2020.